

**QUARTA-FEIRA**  
Lisboa-26 de Novembro-de 1930

**5 TOSTÕES**

**5.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**236**



# sempre **fixe** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 20271, 20272, 20273  
RUA DA ROSA, 57

## Parabens a Julião Quintinha!



Talento, modestia e dedicação pela República são características de Julião Quintinha, que nesta terra de fogo — de vistas não teve ainda a inteira consagração do seu fogo sagrado, recebeu-a agora de estranhos: o seu Ouro Africano vai ser traduzido em francês e editado pelo Ministério das Colónias, de França, para figurar e fazer um figurão na Exposição Colonial de Paris.



## Os ditos da semana



**O Ovo** O sr. Agostinho de Campos em artigo de fundo do «Diário de Notícias», intitulado «Passo em falso» disserta sobre o ovo de Colombo e sobre o ovo de Coolidge. Não vamos entrar na apreciação do artigo. Cremos mesmo que ele não tem discussão. Aquilo deve estar certo. O que nos chocou - no mundo anda tudo às avessas - foi o ovo de Coolidge.

Nós já conhecíamos o ovo de Colombo, mas nunca tínhamos ouvido falar do ovo de Coolidge. Bem sabemos que se Colombo poz o ovo em pé, porque era Colombo, também o sr. Coolidge o podia ter posto porque era Coolidge, isto é, porque também lhe não faltava a sílaba indispensável, tanto mais que, segundo opina o sr. Agostinho de Campos, aquilo foi o resultado de um passo em falso.

E, já que em alguma coisa aumentamos os nossos conhecimentos, daqui recomendamos aos nossos leitores que, sempre que dêem um passo em falso, não se esqueçam de olhar para trás, porque nos tempos que vão correndo, nada se pode perder. E um ovo hoje em dia são pelo menos seis tostões. Resta apenas saber se os nossos leitores terão a felicidade de pôr o ovo em pé sem o partit.

Em todo o caso é sempre bom ir olhando para trás. Esta recomendação fazemos a todos em geral, mas muito especialmente aos Correias, aos Cotrins, aos Cobeiras e aos Curados que sempre algum parentesco tem com os Colombos e Coolidges. E olho alerta.

**A Severa** Ainda não acabou a fita da Severa. Completo o fonofilm começa o trajofilm. A S. U. S. pede as pessoas que tenham fatos em seu poder, o favor de os devolver quanto antes, senão vê-se-ha forçada a chama-las a responsabilidade. Quer dizer, a S. U. S. assusta a comparsaria e a fita começa já a ser falada. Quem havia de dizer que teríamos cinema sonoro tão cedo entre nós?

E já agora e a proposito, um conselho á S. U. S. Se os fatos não aparecerem, logo que a fita estiver pronta, a S. U. S. dá-lhe uma passagem gratuita, no Coliseu. Junto do «ecran» coloca-se Leitão de Barros, ou Alvaro Lima de ponteiro na mão e, conforme forem aparecendo os fatos

que não aparecem, vai-os apontando:

—Lá vai um... e mais outro... e este... e mais aquele, etc.

É natural que a sala se despeje rapidamente. Mas dali por um bocado encher-se-hão não só a sala, como também os baús do guarda-roupa.

Valeu?

E nós que lá estaremos para conhecer os artistas.

**A fleugma** Aqueles inglezes que tripulavam o «Highland Hope» não eram com certeza inglezes puros. Deviam estar falsificados, adulterados, de contrario não teriam perdido aquela fleugma que é apanagio da sua raça, quando se quizeram salvar primeiro que ninguem.

Nós conhecemos um caso: Ha anos afundava-se um navio na Biscaia. Era ao romper da manhã e rompia-se o fundo do barco. Correrias,

allicões, panico emfim entre os passageiros, que estavam ainda todos deitados. A tripulação batia ás portas das cabines para que todos batessem em retirada. Na cabine 98, um inglez lia pachorentamente o «Times»:

—Levante-se e fuja. O navio vai a pique.

—Quando? pergunta ele fleugmaticamente.

—Vai já, daqui a um instante. Olhe, a cabine 96 já está cheia de agua.

—All right, fez ele, quando a 97 começar a encher venha chamar-me.

E continuou a lêr o «Times».

Então este inglez não deixou descendentes?...

**Vão-se os dedos...** O leitor viu aquele telegrama do Brazil, segundo o qual Manoel Fran-

cisco Teles, foi atacado por um crocodilo que lhe levou uma mão e lhe deixou ficar um anel de esmeralda incrustado na ferida?

Honrado bicho! Não ha muitos homens como aquele crocodilo.

Precisou da mão do homem, foi busca-la, mas pagou-a honradamente, com o anel.

Bem sabia o honestissimo saurio que, nós os homens, temos a teoria de que —vão-se os dedos, mas fiquem os aneis.

O peor é que o Teles agora não tem cabide para o anel.

**Como se come.** Segundo noticiaram todos os jornais, morreu, ha dias, uma peixeira que tinha comido carapaus.

Pois não sabiam tado os grandes e pequenos órgãos de informação. Quem sabe sempre tudo melhor que ninguem e sem possibilidade de desmentido é o «Sempre Fixe». Ai vai:

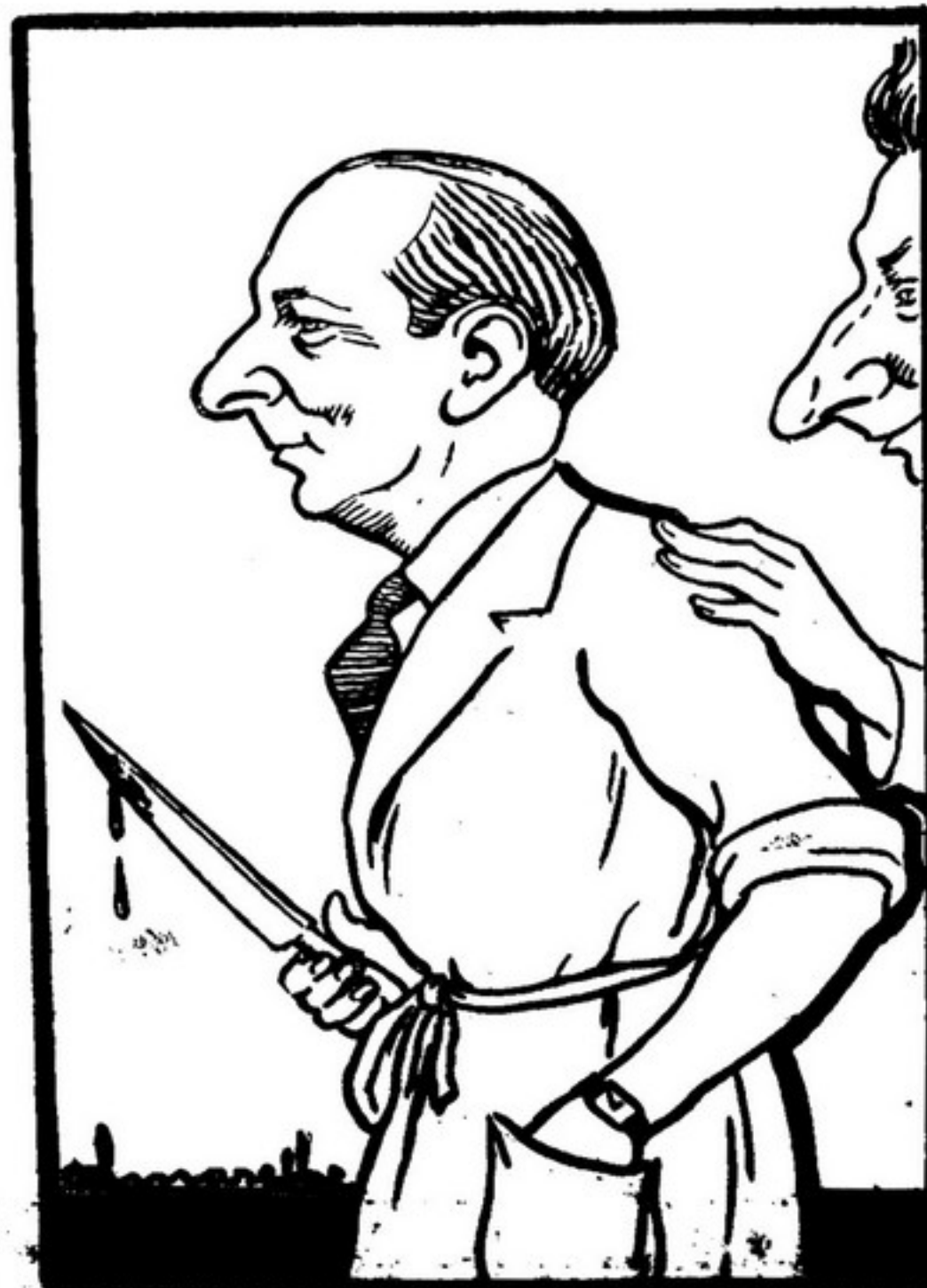
Morreu uma peixeira que tinha comido carapaus. Morreu uma regateira que tinha comido nabos. Morreu um magarefe que tinha comido bites. Morreu um mercieiro que tinha comido salchichas e morreu um mendigo que não tinha comido nada. E este parece que foi o unico que morreu por causa das comidas.

sempre  
**fixe**

**Expediente** Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	{ Ano: 26\$00
	{ Semestre: 13\$00
	{ Trimestre: 6\$50
Colonias portuguesas.	{ Semestre: 15\$00
	{ Ano: 30\$00
Estrangeiro.....	{ Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.



Um operador distinto... que honra o mestre

**Anuncios** Isto, agora, é por batela.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

... NÃO fomos á «matinée» infantil, do Trindade, domingo passado, porque «Nós já não somos crianças!»

Parece que esteve tudo muito bem. O Costinha fez de menino, na perfeição, o que não lhe custou, porque mede, justamente, 80 centímetros de altura, que mal lhe chegam para transportar as carradas de talento que possui. O Erico não esteve mal. Mas com a altura que tem assustou a pequenada. Parecia o gigante Gulliver no país de Lilliput.

E para remate até não faltou Vasco Santana—o «Meu Menino!»

■ ■ ■

AS três Marias viajam agora na «Linha de Cascais».

Naturalmente com bilhete de ida e volta.

Aquilo na praia, com este tempo, está muito desagradavel...

Não será caso para dizer: «a Cascais, uma vez e... nunca mais?»

■ ■ ■

VERSOS de D. João V:

*Flôr de Murta,  
Raminho de freixo,  
Deixar de te amar  
Isso é que eu não deixo.*

Este colega do Silva Tavares sempre era muito mausinho.

Tal rei, tal poeta!

■ ■ ■

AFINAL, já se sabe quem é o artista, de teatro alegre, que vai entrar num convento estrangeiro, segundo a bem informada «Republica».

E' o Carlos Leal, que aparece todas as noites vestido de frade, no «Quebra bilhas!»...

■ ■ ■

«A VELHA que lá todas as manhãs á Praça da Figueira»—a língua da Povoia não é tão grande como este estribilho! faltou logo ao passeio no primeiro dia.

Não teria ido a outra parte, mas a que parte?...

■ ■ ■

VAMOS ver, no Avenida, o «Fi-

lho das Hervas», mas não é o de Carlos Malheiro Dias.

Não será, antes, o filho das três hervas?...

■ ■ ■

VAI reaparecer, no Nacional, o

«Demonio», de Ramada Curto.

Que «demonio», então, não ha um original para estrear?...

■ ■ ■

E, LOGO a seguir, o «Carnivels», peça inglesa.

■ ■ ■

Mas, então, é teatro Nacional... ou estrangeiro?

## A' SAIDA DO «NACIONAL»



—Anda depressa, minha filha. E' preciso aproveitar o tempo, que nós também já não somos crianças.

COMEÇARAM, no Maria Vitoria, os ensaios da revista «A Rapioca».

Mas uma revista como todas ou uma grande, uraa autentica rapiocada para o publico, capaz de durar até ao Ano Novo, senão ultrapassa-lo?

■ ■ ■

NOS anuncios do Trindade lê-se que o «Sabão n.º 13» é uma peça para neurastenicos.

Não admira!

Foi traduzida por um medico...

■ ■ ■

UMA de José David:

—Quando estava empregado, Climaco contratou-me, agora estou desempregado, o Climaco não me contrata.

—Que queres amigo, não ha «roza» sem espinho!

■ ■ ■

«Surge et ambula» disse Jesus a Lazaro, e este ressuscitou de entre os mortos, viu e falou.

E' o que sucede a José Climaco.

Desde que o Eden fechou, passava isto em tempos imemoriados, o nosso simpatico artista-empresario qual jardineiro enlouquecido pela Flora, passava os dias no seu quintal cultivando as suas rosas— as Rosas de Portugal.

Todos os dias vinha com elas ao mercado.

E' hoje, é amanhã, que faço a minha festa da flôr.

Pensou em fazê-la em Lisboa, depois no Porto.

Pois que seja, e que ganhe muito dinheiro, transformando-as em rosas de todo o ano, senão de toda a vida, é o que sinceramente lhe... invejamos.

■ ■ ■

DIZ-SE que o «meu menino» dá o «cavaquinho» pela «flôr da murta»...

Por outro lado, sabe-se que «a velha que lá todas as manhãs á praça da Figueira» é que se lava com o «sabão n.º 13» dig que nós já não somos crianças...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS,



**ELE — Bebo pela tua felicidade!**  
**ELA — Então, sempre me compras o automovel?...**

# Um cacharolete de versalhada

## O Vinho do Porto

PARIS—As audiencias do processo dos fabricadores do vinho do Porto tem prosseguido sem interesse. Os advogados de defesa, como unico recurso para atenuar o efeito da acusação, acompanham os seus argumentos com algumas aneddotas.

(Dos jornais).

Per muito tempo se quiz  
Do direito fazer torto;  
Até que perante um juiz  
Respondem os que em Paris  
Faziam vinho do Porto.

Os illustres advogados  
Consultam as suas notas,  
E os discursos inflamados  
Diz que são amenizados  
Com algumas aneddotas.

Porque em riso segue a briga,  
Me ocorre agora a memoria  
Uma historia muito antiga,  
E permitam que vos diga  
A minha pequena historia:

Ela era loira, era esguia,  
E eu só nela andava absorto;  
E pedi-lhe um certo dia  
Para em minha companhia  
Tomar um dedo de Porto;

Mas a minha loira Musa  
Da razão ouve o conselho,  
E em delicada recusa  
Teimosamente se escusa  
A um dedo do Porto velho...

Diz primeiro por acenos  
Que o convite lhe faz medo;  
E depois, d'olhos serenos:  
— «Que lá o Porto é o inenos!...  
Mas o peor é o dedo!...»

JOAO FERNANDES.

### No ar

Foi na passada semana:  
O Mauricio e a Mariana,  
voltavam duma ceata  
com o Faustino Barata,  
quando ouviram um ruido  
intenso, forte e seguido,  
que, na primeira impressão,  
parecia dum avião.

Na furia de investigar,  
foram, de nariz no ar,  
do Poço do Borratem  
à igreja de Belem,  
pensando qual a razão  
da vinda do avião  
a este burgo bregeiro,  
com tão grande nevoeiro.

— Quem será? Quem não será  
que pelos ares andarà?  
O Cifka? O Aragão?  
— Quais serão? Quais não serão?  
Depois de muito pensar  
e de muito caminhar,  
o Mauricio resolveu  
dormir nos braços... de Orfeu...

E, quando viu os jornais,  
disse:— «Ei tambem fui dos tais,  
desse formigueiro humano  
que viu o aeroplano»  
Orgulhoso, mas cansado,  
voltou-se p'ro outro lado.  
...Quando, afinal, o marau  
era... um passaro bisnau.

## O HOMEM DOS TIMBALES.

### Nova pronuncia

Meu bestunto, embora emperre,  
declará que não percebe  
porque é que um «rés» é um «éres»  
e um «bê» não ha-de ser «ébe».  
E diz mais que não consegue  
saber por que se não deve  
em vez de «guê» dizer «égue»  
e em vez de «vê» dizer «éve».

Sem mais razão que lhe peze,  
a minha razão reflecte:  
porque é que um «zê» não é «zé»  
um «tê» não pode ser «têz»?

Ora pois, se um «fê» é «éfe»,  
por mais que o mundo me increpe,  
sustento mesmo a tabéfe  
tambem «pê» deve ser «épe».

E se algum «sabê» se excoda,  
nem que ele me acilite o «bêque»,  
não direi «éde», mas sim «éde»,  
não direi «guê», mas sim «égue».

ANTONIO AMARGO.

# A vila-sonambula Elevador da Gloria

Do meu amigo Vicente, pessoa tranquila e burguesa, que não se mete em aventuras, nem sofre de excitações nervosas, recebi um postal pedindo-me que comparecesse em sua casa da praia X..., onde veraneava, pois tinha grande necessidade e urgencia de me falar.

Esse seu pedido, indicava que algo de excepcional lhe ocorrera na vida.

Intrigado, apressei-me a tomar comboio para ir ao seu encontro.

Na praia X..., ao sair da estação, inquiri, do primeiro nativo, um dêsse encanecidos pescadores que tinha o classico aspecto dos classicos lobos do mar, onde a rua em que residia o meu amigo.

Fitou-me lentamente, em silencio. E depois disse— em voz enrouquecida:

— Não sei, meu sennhor.

Desiludido, acerquei-me de outro pescador, um rapaz ainda novo, e sem aspecto de lobo de mar, e fiz-lhe a mesma pergunta. E ouvi a mesma resposta

— Não sei, meu senhor.

Outros nativos, maritimos e não maritimos, por mim interrogados, foram unanimes em ignorar o nome dessa famosa rua.

Aborrecido, dando ao diabo o meu amigo B..., mais a sua amaldiçoada rua, tomei o caminho da estação, disposto a regressar, no primeiro comboio, á cidade. Em sentido contrario, caminhava um garoto, de 7 a 8 anos de idade, risonho, bem vestido e de modos desenvoltos. Lembrei-me, embora sem esperança, de lhe perguntar pela famosa rua.

Com grande espanto meu, o peiz, que pertencia a uma familia que ali se encontrava a veranear, ofereceu-se, sem a menor hesitação, para m'a indicar. Aceitei, com jubilo e agradeci.

Após alguns momentos, estavamos na aludida rua, uma das mais importantes da terra, pois atravessava-a de norte a sul.

Depois, nova contrariedade. O numero 150, indicado pelo meu amigo B..., não existia!

Soube, ao fim de meia hora, que a numeração tinha mudado. Onde seria o antigo n.º 150? A fim de averiguar, perguntei na administração do concelho, existente na mesma rua, qual e seu numero antigo, a fim de por êle, encontrar o prédio do meu amigo B...

Ninguém se lembrava. O mesmo aconteceu com mais de 10 inquilinos. Todos tinham olvidado, numa surpreendente unanimidade, os antigos numeros das suas residencias.

Por fim, ac acaso, bati a uma porta. Ao fim de um minuto, abri-se, lentamente, uma janela e depara-se-me, risonha, a fisionomia do meu amigo B...

Depois d'êle me ter explicado o motivo que o determinara a enviar-me o seu laconico postal, referi-lhe a dificuldade que tivera em dar com a sua residencia. E para cessar a curiosidade de que estava atacado, perguntei-lhe ha quantos meses tinha mudado a numeração.

Resposta do B... um pouco admirado:

— Ha quantos meses? Mudou ontem mesmo, pateta!

C. L.

— Que officio tens?  
— Inventor.  
— Já inventaste alguma coisa?  
— Ainda não, mas estou pensando...

\*\*\*

— Já sei que te roubaram a loja. Quanto perdeste?

— Bastante! Mas, felizmente, que no dia anterior tinha baixado 50 por cento o preço de todos os artigos...

\*\*\*

Ela — Recordas-te? Foi ao pé daquela estatua que nos encontramos pela primeira vez...

Ele — Olha, Olha!... Lá está outro idiota á esera da namorada!...

\*\*\*

— Doutor, tenho a cara a arder! Uma comichão terrivel... Que devo fazer?

— Diga ao seu noivo que faça todos os dias a barba...

\*\*\*

O curioso — De todas as feras, qual é a mais terrivel?

O domador — Minha mulher...

\*\*\*

No escritorio:  
O chefe — Então a menina Joanna não repara para a linda gravata que trago hoje?

A dactilografã — Para quê? Esta semana vou-me embora...

\*\*\*

A avó — O que queres ser quando fores maior?

O neto — O mesmo que o papá!

A avó — Mas o papá não tem agora emprego...

O neto — Precisamente por isso...

\*\*\*

— Um louco pode assinar um contracto?

— Sim senhor! Um contracto de matrimonio...

\*\*\*

Ela — Gostaste do almoço? Fui eu que o fiz...

Ele — Logo vi! As sardinhas de lata estavam deliciosas...

\*\*\*

O chefe da policia — Como? Tu por aqui? Ha um mês que não eras preso...

O carteirista — Não admira; estive descansando no Bussaco...

\*\*\*

Entre amigos:  
— Tenho nojo quando entro em casa. Tudo porco! Tudo por fazer! Que mulher arranjei...

— Eu e minha mulher temos a nossa vida muito bem organizada. Minha mulher sai todos os dias e eu fico em casa limpando a louça, tratando do jantar, etc.

\*\*\*

— Porque aconselhas tão insistentemente D. Luciana a ir estudar musica no estrangeiro? Bem sabes que ela não tem talento nenhum.

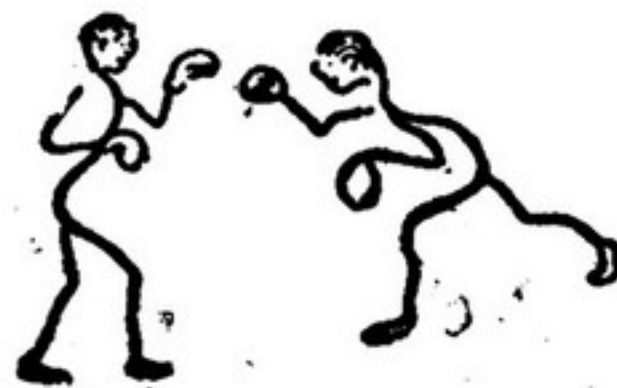
— Bem sei, mas sou visinho dela...

\*\*\*

Um celebre caçador está fazendo uma conferencia sobre as suas caçadas na India.

— Anualmente—dis êle—são necessarios 500 elefantes para fazer bolas de bilhar.

— Parece mentira—observa um ouvinte—que se possa ensinar uns animais tão grandes a fazer um trabalho tão pequeno...



A nobre arte...

# Graça dos outros **Curas do dr. Silva**

## Entre amigas:

- Que fizeste ao teu marido?
- Deixei-o em casa.
- Mas tu queres-lhe tanto...
- Eu te digo: nos primeiros meses do meu casamento estive tentada a comê-lo com beijos.
- E agora?
- Agora tenho pena de o não ter comido...

\* \* \*

C mendigo—Não poderia dar-me umas botas velhas, minha senhora?

A dona da casa—Mas as que você traz são quasi novas...

O mendigo—Não ha duvida; mas não calcula o que isso me prejudica no negocio...

\* \* \*

## Na praia:

— O nosso namoro principiou duma forma muito romântica. Minha mulher salvou-me de morrer afogado. Ela nada excelentemente, bem sabe.

— Mas já reparei que nunca te afastas agora, para muito longe, quando nadas.

— Nada! Não sei se ela me tornaria a salvar...

\* \* \*

## Entre amigas:

- E' espantoso!
- O quê?
- Pus um anuncio no jornal pedindo uma senhora para correspondencia sentimental, e a primeira carta que recebo é de minha mulher!...

\* \* \*

Ela—Leio nos teus olhos que me ocultas alguma coisa!

Ela—Como pode ser isso, se tu não podes ler sem olhos e não os tens?

\* \* \*

Ela—Não tens vergonha de entrar em casa às nove da manhã?

Ela—E tu não tens vergonha de estar na cama a estas horas?

\* \* \*

— O que devo fazer para meu marido ficar á noite em casa?

— Saia a senhora...

\* \* \*

— Porque não voltas para casa?

— Porque minha mulher me expulsou!

— E porque te expulsou ela?

— Porque eu nunca estava em casa...

\* \* \*

— A sua filha que faz?

— Está relacionada com as melhores familias da nossa sociedade!...

— Ah, sim?

— E' verdade; é telefonista!

\* \* \*

— Então, gostas do barbeiro que te recomendei?

— Excelente, meu rapaz! Eu nunca na minha vida ouvi contar melhor as historias que me tens contado centenas de vezes...

\* \* \*

— Onde vão passar a lua de mel, no automovel?

— Até onde houver gasolina!

— Bem, então não passam do hospital!...

\* \* \*

No teatro:

— Que tem esta artista de extraordinario?

— Que não pretura parecer-se com a Greta Garbo!...

Tinha ganho fama terrível lá na terra o doutor Silva. Fama tão desagradavel que, muitos, se caíam doentes, recejavam chamá-lo, porque, se se salvassem da doença—morriam da cura com certeza.

No entanto, por falta de outro medico, o dr. Silva lá ia amalhando alguns cobres extorquidos ao doente que, por acaso, se salvava, ou ás familias dos que morriam.

O dr. Silva sabia da má fama que o perseguia. Confiava, todavia, no Destino e na sua situação de medico unico no lugar.

... Quando o Antonio da Tenda caiu á cama, fez a familia esforços sobre esforços para que se não chamasse o medico. A morte de Antonio da Tenda seria uma desgraça para a loja e para a familia, porque ninguem mais teria habilidade para vender um quilo de setecentas e cinquenta grammas ou um litro de azeite com decilitro e meio a menos.

O dr. Silva fora sempre um optimo freguês do Antonio. A gratidão obrigava, pois, que o chamassem. Talvez o Antonio se salvasse...

E se o pensaram, assim fizeram.

Chegou o medico, auscultou, fez o diagnostico do doente e receitou.

Aviada a receita e tomadas as primeiras colheres, sentiu o Antonio alguns alivios. Porém, pela noite fora, o doente piorou e, pela manhã, rogando uma praga ao dr. Silva, o Antonio da Tenda entregava a alma ao Criador. O medico cumprira mais uma vez o seu destino: matara.

\* \* \*

— Muito bons dias, Senhor S. Pedro—disse o Antonio, chegando ás portas do Céu.

— Como te chamam?—preguntou o chaveiro celestial.

— Eu?... Antonio da Tenda. Folheou S. Pedro alguns livros e, minutos volvidos, voltou-se para o Antonio:

— Não... neste dia não está cá... vai ao Purgatorio... Pode ser que lá tenhas entrada... No Céu, não...

Poz-se o Antonio a caminho e obtendo no Purgatorio a informação de que lá não tinha entrada, portas do Céu...

encaminhou-se para o Inferno. Aqui deram-lhe igual resposta, o que obrigou o pobre do morto a encaminhar-se de novo para as portas do Céu...

— Oh! Senhor S. Pedro. Não tenho entrada no Purgatorio, nem no Inferno. O melhor será o sr. Santo vêr melhor o livro, porque já estou farto de andar para traz e para diante...

Voltou S. Pedro a folhear a livraria, sem nada encontrar acerca do Antonio. Subito, teve uma ideia luminosa...

— Como te chamam?

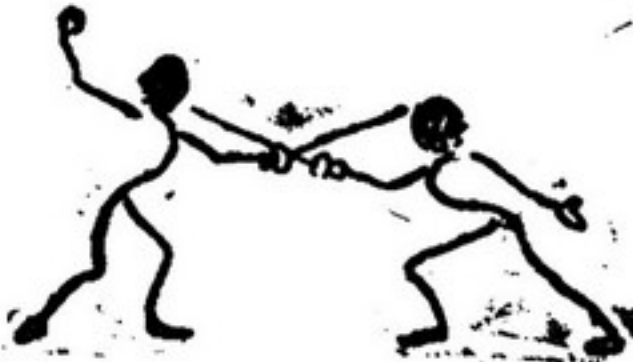
— Antonio da Tenda.

— E quem foi o teu medico?

— Foi o dr. Silva...

O santo sorriu, e, passando algumas centenas de folhas do livro do Destino, exclamou:

— Cá está!... Esse malandro do dr. Silva anda-me sempre a escandalhar a escrita. Tu... só devias morrer daqui a vinte anos...



O jogo das espadas cruzadas...



**ELE** — Aquele homem é poliglota.

**ELA** — Ah! E eu que julgava que ele era dinamarques!

## Casar por não querer mulher

Ha tempos, um jornal humoristicissimo, «este corte que, a tantos de tal, foi contado por Cyrano de Veihofrac, saiu, a tantos de tal, no jornal X, narrado por Fulano dos Anzois».—O tiro fallou completamente, porque eu, quando traduzo não traduzo do calão cambalo, em que os zollos meus contemporaneos soem escrever; traduzo directamente do francês ou do russo.

Esta que vou contar-lhes agora é portuguesissima dos quatro costados, tendo ocorrido entre os salolos do termo de Lisboa.

E assim é que se deu o caso. Para o sitio veio ha tempos um jovem para fazer uma longa vilegiatura, aconselhado pela sua saúde precaria.

De aspecto simpatico, vivendo largamente de seus haveres, agradavel no trato, em breve se tornou conhecido e estimado dos indigenas deste curioso rincão.

E, de afavel que era, começou também a agradar ás moçoilas e matronas desocupadas da terra.

Mas o jovem (que chamaremos com propriedade Ganimedes de Sousa) parlando com volupia a todas, não avançava palavra animadora, nem ás mais moças, nem ás mais apeteiveis...

Longo tempo se reservou na escôlha, e caso foi de pasmar quando se soube que elegera como preferida a cosinheira dum anafado comerciante, que ali habitava também e muito apreciava os petiscos preparados por ela com os productos optimos das suas vastas propriedades.

Logo se espalhou a nova, a miude comentada com apimentada málingoa, como de costume em berrras pequenas.

Mas como ninguem lhes queria mal, tudo se concertou para que, com urgencia, o casorio se realizasse e os dois fossem construir o seu ninho com harmonia e satisfação.

Pela circunstancia consideravel de faltarem a Ganimedes de Sousa alguns documentos importantes, e estes não se pôde realizar no templo do casamento, nem na igreja pa-

dos seus direitos, celebrando os esponsais com um grande banquete, a que assistiu também o antigo patrão da noiva, embora resmungando por ter ficado sem a domestica servidora.

Houve cabrito assado, pato no forno, pastelinhos de bacalhau, arroz doce e vinhos multivariados e capitosos. A festa acabou tarde, na casa nova de Ganimedes, que fica, ali mesmo, em baixo, por de-traz do talho.

Passados, porém, cinco dias, a noiva apparecia cabibaxia e triste, vendo-se-lhe nos olhos pisados claros indicios de longo choro.

— O que seria? O que será que tem a Anastacia? perguntavam todos com evidente curiosidade.

O antigo patrão interrogou-a: — Que é que te succedeu ó rapariga?

Ela, depois de muito instada, desatou as suas queixas.

— «Que estava para ali tal e qual tinha ido para a companhia do marido, o qual nem lhe tocara ainda com um dedo...

E chorava como uma perdida! O escandalo rebentou em toda a povoação. A Anastacia resolveu fazer largas confidencias e Ganimedes de Sousa viu-se obrigado a explicar-se.

Que lhe não servia para mulher a Anastacia...

— Mas, então, para que casou você?

— Eu não queria mulher—repliquou Ganimedes. E foi exactamente porisso que casel.

— Ora essa!—exclamaram os ouvintes indignados.

— Sim, senhores: casei para ter criada e não para ter mulher. Nemsumma queria vir servir para casa dum homem solteiro...

Alguns sorrisos maliciosos dos circunstantes acolheram duvidosamente a solene declaração do desatinado mancebo.

Mas a desposada que se casara para deixar de ser criada-de-servir, é que não esteve pelos ajustes e abandonou, com irritado desdem, o conjugo anódino.

... A que mais extremos, Senhor, não levarei a esse das cosinheiras!

CYRANO DE VEIHOFRAC.

NA BARULHOLANDIA...

# “Minha mulher está maluca!”

Ontem, como sempre, subia eu o Chiado, fazendo o meu habitual exercício de glissagem, quando ao chegar á ilha dos galegos, exílio perpetuo do poeta Chiado, vejo uma enorme multidão em volta da placa, com um ar de curiosidade, observando muito atentamente qualquer coisa.

Com um ar de curiosidade, perfeitamente igual ao da multidão, aproximei-me rapidamente fazendo conjecturas acerca do que seria.

A principio, julguei tratar-se dum habitual desastre de automovel, de que tivesse sido vítima o poeta, mas o seu sorriso de sempre fez-me compreender que se houvesse desastre não fôra êle o infeliz, a não ser que se tivesse salvo devido á posição em que está, tal como o papagaio, que se não se abaixasse tinha um grande sarilho.

Ao alcançar a ilha satisfiz a minha ansiedade. A multidão agrupava-se em volta de uma senhora decentemente vestida que, na mesma posição do poeta, dava indícios de alienação mental.

Já já a retirar-me quando uma voz amiga me chama, num lamento, e me diz, num tom de quem perdeu uma moeda de cinco tostões:

— Minha mulher está maluca.

Com o melhor dos meus sorrisos, ia felicitá-lo, quando o Prudencio

Pevide, pois que não era outro a pessoa que me chamara, continuou:

— Sou o homem mais desgraçado dêste mundo!

— Homem, porquê? Interroguei eu. Tu tens sido tão feliz até agora... Fallste duas vezes e não pagaste aos crédores, nunca foste preso por mixordeiro, e que bem o merecias, estás bem visto e tens a mulher maluca... Não tens razão para te lamentares.

— Tenho. E' que eu adorava a minha querida mulher.

— Mas conta lá como isso te sucedeu.

— Eu te conto.

E o Prudencio, numa voz repassada de ternura, e olhando constantemente para sua esposa, que continuava na mesma incomoda posição, contou-me a historia.

— Eu saí hoje com minha mulher, e, como tínhamos que ir á rua do Mundo, resolvemos subir o Chiado. Com todas as cautelas, porque os automoveis agora também já têm licença para andarem por cima dos passeios, subimos a rua do Carmo muito devagarinho, vendo as montras, dizendo mal dos conhecidos que encontravamos, etc. Um pouco mais acima do elevador de Santa Justa, minha mulher teve um estremecimento. Um estabelecimento de gramofones tocava um «fox-trot», com todas as forças de uma grafonola de um

conto de réis. Continuamos subindo e um pouco mais acima, novo barulho. Desta vez devia ser uma grafonola de dois contos, porque o barulho era maior. Tocavam uma marcha. Ao fim da rua do Carmo, ao virarmos para a rua Garrett, novos roncões, desta vez de uma grande grafonola. Tão grande que nem cabe dentro de casa, tem que estar parte á janela. Produziram-se novos abalos na minha querida consorte. No entanto, ella sorria, e depois de escorregarmos três vezes, conseguimos ultrapassar o café Chiado, não sem primeiro aguentar o barulho que de lá vinha. Defronte do café o barulho era também ensurdecedor. Aqui, minha mulher teve o primeiro ataque. Quiz engulir a grafonola, ao que eu me opuz. No entanto, num amanhifestação de loucura, obrigou-me a engulir-la. Para a não contrariar, lá gramei a grafonola com dois copos de agua e ainda tive que gramar mais seis discos. Tomei-os como pude, e quando julgava que lhe tivesse passado quiz obrigar-me a tomar mais um disco. Não pude, já não podia gramar o disco. Ella teimou, gritou, barafustou, mas eu, por mais diligencias que fizesse, não podia ingerir mais. O disco era da Maria Alice. Com mil cuidados, saímos do estabelecimento e continuámos subindo o Chiado. Minha pobre

esposa fazia os maiores disparates que tu popdel amsb ORdbdiabotes que tu podes imaginar. Quiz comprar um vestido. Eu não consenti. Eis-nos chegados ao largo do Chiado. Aqui é que foram ellas. Minha querida esposa, val dire'õ ao policia sinaleiro ç... zás. Aplica-lhe uma tremenda dentada nas canelas, que o pcbre homem caiu fulminado. E aqul está toda a minha desdita.

Fitel o Prudencio muito sério, condoi-me da situação e preguntel-lhe:

— E agora o que vão fazer?

— Agora vou levar a minha dulcissima esposa para o Instituto, para saberem se está danada. E caso se prove que não está, vão proceder a investigação para se saber se ella descende de alguma pulga. Tu comprehendes, só êstes dois motivos é que a podiam obrigar a morder no policia.

Concordei com tudo o que o Prudencio me disse e três horas depois consegui despedir-me d'êle. Pelo caminho, fui pensando na conversa que tivemos e del-lhe razão. Eu por mim vou deixar de passar pelo Chiado, e quem lá passar já sabe que é infelicidade certa. Ou se parte uma perna, ou se dá em maluco com tanta grafonola a tocar.

FERNANDO D'AVILA.

## Silva Tavares



### “O livro do nosso amor”

Foi posto á venda alcançando grande successo

Vende-se em todas as livrarias

Pedidos á administração do “Diario de Lisboa”, Rua da Rosa, 57, 2.º

## ... Por isso



a **CAFIASPIRINA** não falta na minha mesinha de cabeceira, pois tanto a mim como aos meus familiares nos prestou e continua prestando verdadeiros benefícios. Eu podia encher um livro de testemunhos favoraveis a esta bellissima combinação quimica, pois estou satisfeittissima e agradeo a decidida aos seus indiscutíveis meritos curativos.

Assim pensa um como tantos outros. Va. Exa. mesmo se convencerá.

## CAFIASPIRINA

nos traz o bem estar, allivia o cerebro e não ataca o coração nem os rins.

## A retalho...

A scena passa-se numa casa de musicas do Porto, cujo proprietario, b.n. pessoa, por sinal, é sofredivelmente feio. A meio da tarde, estando o estabelecimento «às moscas», entra nêle uma senhora muito nova, bonita, elegante, que diz, olhando com luxuria para o comerciante:

— Eu queria, mas depressa, «os teus labios», «o sorriso dos teus olhos», «a tua boca e o teu coração», «uma noite de amor...».

O comerciante, atalhando:

— Estou lisongeadado e ao mesmo tempo confundido, minha senhora. Tenho muita pena de recusar, mas...

— Mas quê?

— E' que minha mulher nunca me deixa sair á noite!...

— Insolente!...

\* \* \*

Intitulado 1377 publicou o «Diario de Noticias» o seguinte anuncio:

«Não fui eu, telefona bombeiros, saudades.»

Quem teria delatado a escada?

\* \* \*

Dos jornais da especialidade:

«Rosalina: Não te deixes esmorecer, reaje.

«Tem confiança naquêle que muito te ama e venceremos.

«Não te esqueças que não ha mal que sempre dure.

«Perdão só hoje responder; dever é sempre o motivo.

«Escreve. Não desanimas.— Teu Hilario.»

**Correspondentes alheios**

**FEIRA** — Em todo o país ha feiras, mas só a nossa terra é que tem melhor mercado.

**ANCIÃO** — Terra remoçada por arrojadas iniciativas sente-se deprimida por a considerarem um velho rincão.

**S. MARTINHO** — Lamentamos que os suínos se organizassem para não entrar nesta terra. Têm médo ao adagio: «A cada porco o seu S. Martinho».

**TORRES NOVAS** — Urge reconstruir as tórres, ou pelo menos lavá-las, aproveitando o sol do verão para enxugarem, visto saber-se que lavadas e enxutas ficam como novas.

**PESO DA REGUA** — Por mais que se procure não ha balança capaz de avaliar o peso desta terra. No entanto, garantimos que temos epinões, não só de peso como de volume.

**PORTIMÃO** — Terra de muita fruta, muito carvão e pouco pão, sem contestação superior a Olhão. (Nota do correspondente: Esta localidade nao adquiriu nenhum orão).

**CHAVES** — Em todos os jornais se notifica que alguém nos encontrou, provando-se, pois, que existimos. Mas o que parece estranho é só se acusar o achado de chaves, havendo tanta coisa boa que se perde.

**MESAO FRIO** — Graças ao periodo canicular que atravessamos, esta localidade esta repleta de fofoqueiros, que aqui procuram o fresco. Para o inverno introduziremos neste concelho uma distribuição de *chauffage* aos domicilios.

**CACILHAS** — Na nossa vetusta Universidade ventila-se, ha muito tempo, que a outra banda é Lisboa e não Cacilhas, como teimam alguns passeantes que da margem direita do Tejo vêm cá.

**PORTO** — O representante duma firma alemã acaba de instaurar processo no tribunal de Antuerpia, a outra sua congénere belga, pela falsificação dos nossos vinhos generosos, visto ser a detentora de autenticas formulas de vinhos do Porto.

**BEJA** — Muito superiores ás cartas de S. ro' Mariana, são as de certa pequena muito interessante que as escreve a um qualquer Chamilly. Ha quem diga que o estado da referida menira também é interessante.

**CASCAIS** — As autoridades competentes devem proibir o irreverente rifão: *a Cascais uma vez e nunca mais*, o que bastante prejudica o concelho.

**CANAS** — Dizem os de Nelas que aqui o sol é tão ardente que até assa a terra. Protestamos. E' mentira.

**NELAS** — Descobriram-se aqui bons jazigos de raro minério. Pensa-se agora em furar Nelas por baixo, com inumeras galerias.

(Pelo redactor que compilou as correspondencias)

ALEXANDRE SETTAS.

**DESSPORTOS**

**Concurso das figuras e factos notaveis do Sport de Portugal**

Pareceu estranho a algumas pessoas que na semana passada não tivessem aparecido versos a elucidar o desenho.

Nada mais natural, porque o boneco era tão expressivo, tão claro, tão singelo, que até uma criança de mama diria logo de quem se tratava.

\*\*\*

Continuando na lista interminavel de valiosissimos premios para o nosso concurso, acrescentamos mais os seguintes:

— O Sabio Bissau oferece um Maioline em miniatura, para pro-

var que não houve desastres pessoais a lamentar, e que o sr. A. S. é um precipitadão.

— Um livro de memorias acerca dos passeios nauticos do Club Nacional de Natação, obra primorosa, encadernada em percalina, da autoria dum conhecido elemento em destaque no meio natatorio, que usa oculos e dá pelo nome de Jaime.

— Um bronze artistico do sr. Alvaro de Sousa apaziguador eterno de todos os conflitos e que agora vai, segundo se diz, tentar fazer as pazes entre a A. F. L. e F. P. F.



E' baleia? não o creio.  
E' jacaré? também não.  
Nos jornais ás vezes leio  
Que ele é um grande Tritão.

Foi a Paris. Não venceu,  
Mas fez figura de estalo.  
Tão grande figura que eu  
Fiquei logo a admirá-lo.

Ganhou varias travessias  
Tantas, tantas que nem sei.  
Rodrigo, tu bem podias  
Ser dos nadadores o rei..

Desde Meigaço a Tavira  
De Viana até Alvor  
Toda a gente o admira  
Que é disso merecedor.

E' forçoso acrescentar  
Porque muito bem me apraz  
Que além de saber nadar  
E' um excelente rapaz.

E, agora, nada mais digo,  
Se não sabe... paciencia.  
Ora batatas, amigo,  
Para a sua inteligencia.

ZE' MARIA

**Quereis dinheiro?**

Jogal no

**Gama**

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

**REPUBLICANA PARA**

o MENINO POBRE — Os meus irmãos vêm lidos de Paris.  
o MENINO POBRE — Os meus como somos pobres são foltes em casa.

**Prosa de Cha-Velho**

O bandarilheiro-professor Luciano Moreira está em Paris preparando a exhibição da sua «tourada do Seculo XVII» na cidade-luz e, para provar que além de toureiro é apreciador de teatro, envia-nos a seguinte cronica teatral que publicamos sem alterações e cujo original conservamos para provar a sua veracidade:

«O tempo está magnifico, mas tudo muito caro devido ao cambio. (Esta ideia do «cambio» eu quebro é perfeitamente tauromaquica). Está uma peça em scena no «Folies Bergères», que é uma verdadeira maravilha. E' peça para se ver muitas vezes e eu já a vi se vê mais se gosta.

Um quadro é o «Folies» ha cem anos, outro o «Folies» em 1890, e o «Folies» actualmente, com mais os quadros da China, Japão, Inglaterra, Alemanha, Italia, Russia e Espanha (Portugal ficou no tinteiro, mas a culpa não é de Luciano). Ha ainda um quarto num «restaurant» de Paris, outro num quarto de noivos na noite do casamento e ao deitar etc. E outros: num convento, numa rua de Paris, o que são os homens de hoje, o que são as senhoras (preparam que Luciano não escreve as mulheres), a ilusão, a virgindade e no sertão africano.

Dos finais de actos não ha nada que possa deseterver o encanto!

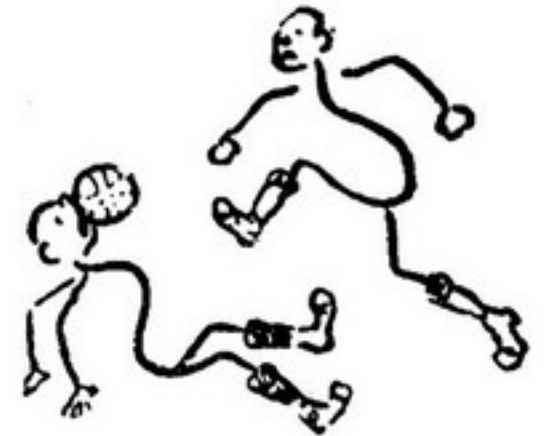
As senhoras (preparam que escreve sempre «as senhoras») quasi todas nuas, especialmente no quadro do fundo do mar (Luciano queria as mulheres no fundo do mar e vestidas à moda da tourada do seculo XVII).

Ha tambem o quadro da America, duma «parada» e dum circo.

\*\*\*

Luciano Moreira, que assim nos tudo um encanto, descreve os quadros da actual revista do «Folies», termina por nos prometer ir agora ao «Casino de Paris», que tambem *he dizem ser muito bom*.

E nós agradecemos sinceramente as noticias de Luciano, que, como jornalista-correspondente, é um «barra», informando os seus amigos que ele se encontra em Paris, hotel do «Chevalier de la Barre», rue Ramey, 6.



O pontapé na bola

O proximo numero do

**KINO**

saí amanhã

COM 12 PAGINAS

# ECOS DA SEMANA

## OS FURIOSOS DAS "GLOBE-TROTICAS" INTERNACIONAIS



OS QUE CONSEGUEM DAR A VOLTA A ALGUMA COISA



OS QUE NÃO PASSAM DE DAR A VOLTA AO ROCIO - OS GRANDES INTRUJAS

OS QUE NÃO PASSAM DA PENINSULA CAIU NAS PALMINHAS DA INDIA O MARÃO QUE EMBORA NÃO SEJA D.O.X. É DE X.P.T.O



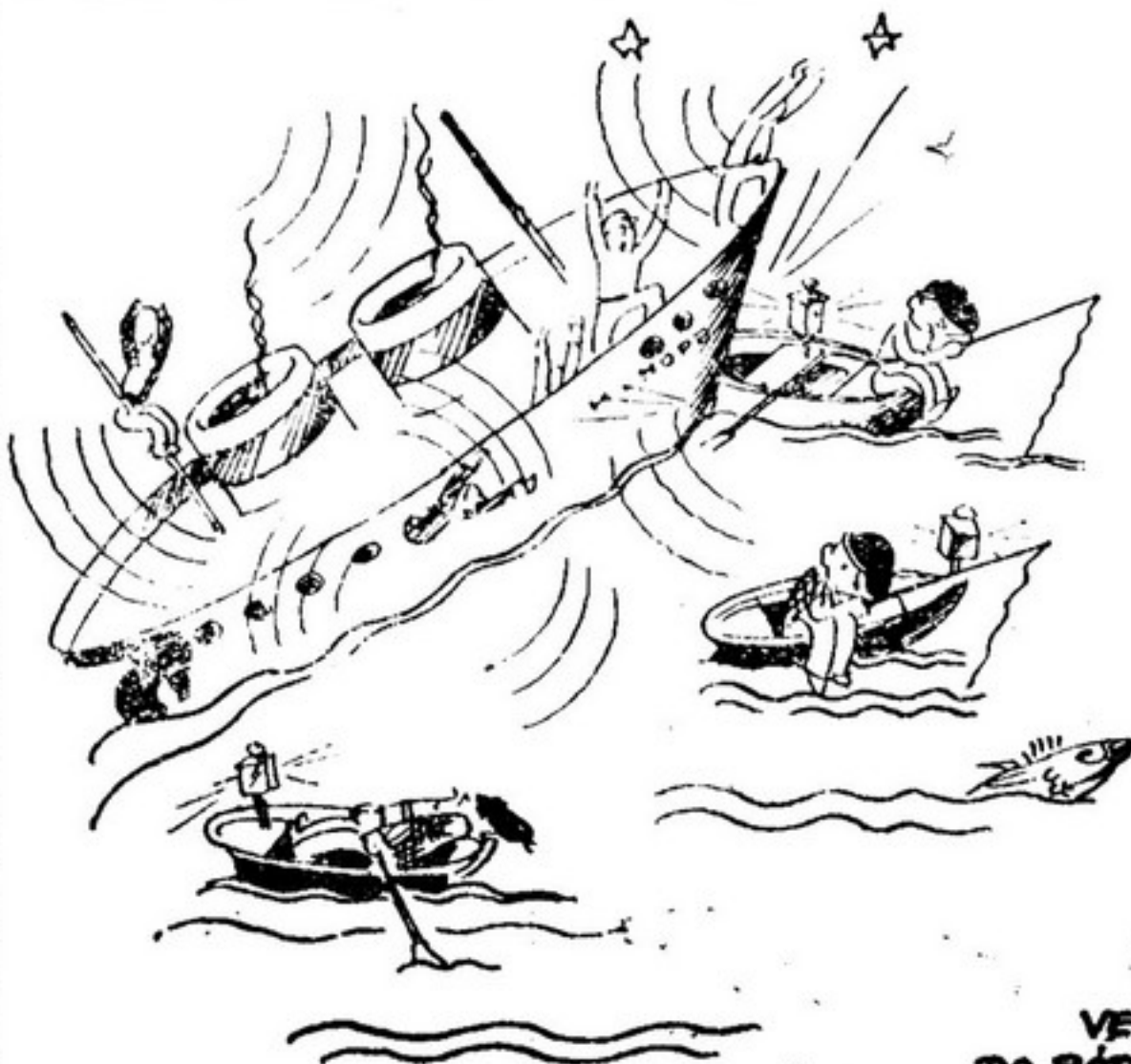
DESCOBRIU-SE AGORA QUE É O D. JOSÉ QUE TEM AS PERNAS ERRADAS POIS UMA É MAIOR DO QUE A OUTRA. TAMBEM, UMA COBRA É LA CARTO... EM SUMA ESTÁ TUDO ERRADO.



SE V. EXAS NÃO SE APRESSAM A VER A EXPOSIÇÃO DO SINDICATO SUJEITAM-SE A TOSCAR SÓ AS PAREDES



COMO SE DEU O NAUFRÁGIO DO "H. HOPE" SEGUNDO O "PETIT JOURNAL" (PORQUE "PE NICHE" EM FRANCEZ É BARCA)



NO SALÃO DO BO-BÓ-NE



WALDEMAR UMGALO MORTO QUE DOIS 'ÁVOAR'

NA VERDADE NA EXPOSIÇÃO DA LUZ HA MUITA LUZ MAS MESMO ASSIM A MASSA É QUE NÃO LUZ (SÓ PARA PAGAR A ENERGIA)



VENHA A ELECTRICIDADE DAS QUEBAS DO RÓDÃO QUE ENTÃO TODO BU ME ELECTRILISO ...